

Revista Portuguesa
de História

Asín Palacios

Com a morte de D. Miguel Asín Palacios, ocorrida em San Sebastian, a 12 de Agosto de 1944, perderam os estudos árabes um dos seus mais fecundos cultores, a que a *Revista Portuguesa de Historia* presta sentida homenagem.

Nascido em Saragoça, no dia 5 de Julho de 1871, nessa cidade fez os seus primeiros estudos, frequentando a aula do erudito arabista Don Julian Ribera y Tarrago ; Ribera fora discípulo, por sua vez, de Francisco Codera, outro luminar dessa brilhante plêiade espanhola de arabistas do século passado, que contou, entre outros, os nomes de Gayangos, Simonet, Eguilaz, Lafuente-Alcántara, Moreno Nieto. Doutorado em letras pela Universidade de Madrid (1896), D. Miguel ia ocupar, em 1903, a cátedra de Língua Árabe na capital espanhola, vaga pelo jubileu de Codera. Nove anos depois, era eleito membro da Real Academia de Ciências Morais e Políticas e, nos anos de 1919 e 1924, respectivamente, ingressava nos outros dois grandes institutos científicos da nação vizinha: Real Academia Espanhola e Real Academia da História. O seu discurso inaugural na Real Academia Espanhola havia de ser largamente debatido nos meios intelectuais do seu país e do estrangeiro ; intitulava-se ele *La Escatología musulmana en la Divina Comedia*; era então a primeira vez que Asín Palacios revelava a filiação, em textos muçulmanos anteriores, de aspectos ou temas desenvolvidos em obras de escritores não muçulmanos — sirva de exemplo, entre outros livros, o que leva o título significativo de *Los precedentes musulmanes del «Pari» de Pascal*. A obra originou uma polémica acesa, que o próprio D. Miguel historiou, em 1943, ao escrever *La Escatología musulmana de la Divina Comedia, seguida de la historia y crítica de una polémica*. Em 1932 criavam-se as Escolas de Estudos Árabes de Madrid e Granada, que Asín Palacios dirigiu e onde exerceu o magistério; em 1933 começava-se a publicar, debaixo da na direcção, a revista *Al-Andalus*. Veio depois a fundação do benemérito «Consejo Superior de Investigaciones Científicas» (1939), de que D. Miguel assumiu a vice-presidência, e no qual dirigiu o Instituto de Arias Montano. Em 1943, era eleito Director da Real

Academia Española. A morte surpreendeu em pleno labor o incansável sacerdote ; nessa altura preparava ele a obra que seria o condigno remate da sua carreira de historiador.

Asín Palacios, certamente o mais alto conhecedor europeu da mística muçulmana, deixou uma obra considerável, cujos títulos se podem ler no apêndice ao esquema biográfico traçado na revista *Al Andalus* (xi, 1944, PP- 267-319) pelo seu discípulo e dilecto colaborador D. Emilio García Gómez. Dessa bibliografia exaustiva, aparto alguns nomes: *Mohidin*, 1899. *El filósofo zaragozano Avempace*, in *Revista de Aragón*, 1900 e 1901. *Alga^el: Dogmática, moral y ascética*, 1901. *Bosquejo de un Diccionario técnico de Filosofía y Teología musulmada*, in *Revista de Aragón*, igo3. *El Averroismo Teológico de Santo Tomás de Aquino*, in *Homenage a Don Francisco Codera*, 1904. *Origen y carácter de la revolución almohade*, in *Revista de Aragon*, 1904. *La Psicología según Mohidin Abenarabi*, Paris, 1906. *La Psicología del éxtasis en dos grandes místicos musulmanes (Alga^el y Mohidin Abenarabi)*, in *Cultura Española*, Madrid, 1906. *La Logique d'ibn Toumloûs d'Alcira*, Tunis, 1909. *La Moral gnómica de Abenhá^am*, Madrid, 1909. *Manuscritos árabes y aljamiados de la Biblioteca de la Junta. Noticia y extractos*, Madrid, 1912. *La mystique d'Al-Ga^ali*, Beyrouth, 1914. *Abenmasarra y su escuela : Orígenes de la filosofía hispano-musulman a*, Madrid, 1914. *Los caracteres y la conducta. Tratado de inoral práctica por Abenhá^am de Córdoba*, trad., Madrid, 1916. *La Escatología musulmana en la Divina Comedia*, Madrid, 1919. *Los precedentes musulmanes del «Pari» de Pascal*, Santander, 1920. *El cordobés Abenhá^am, primer historiador de las ideas religiosas*, Madrid, 1924. *El místico murciano Abenarabi {Monografías y documentos}*, I. *Autobiografía cronológica* ; II. *Noticias autobiográficas de su Risalat Al-Cods* (1925); III. *Caracteres generales de su sistema*, 1926. *Una sinopsis de la ciencia de los fundamentos jurídicos según Alga^el (Análisis y estrados de la introducción de su Mostafa)*, Madrid, 1925. *Abenhá^am de Córdoba y su historia crítica de las ideas religiosas*, Madrid, 5 vol., 1927, 1928, 1929, ig31, 1932. *El Islam cristianizado. Estudio del «Sufismo» através de las obras de Abenarabi de Murcia*, Madrid, 1931 (i.^a ed.). *Vidas de santones andaluces. La «Epistola de la santidad» de lbn Arabi de Murcia*, Madrid, 1933.

Un precursor hispanomusulman de San Joan de la Cru Madrid, 1933, in *Al-Andalus. La espiritualidad de Alga^el y su sentido cristiano*, Madrid, 4 vol., 1934, 1935, 1936, 1941. *Ibn Arabi de Murcia* (biografias), Madrid, 1936. *Crestomatia de árabe literal con glosario y elementos de gramática*, Madrid, 1939, (i.^a ed.) ; 1942 (2.^a ed.). *Contribución a la toponimia árabe de España*, Madrid, 1940 (i.^a ed.); 1941 (2.ª ed.). *Ibn Al-Síd de Badajo\ y su a Libro de los Cercos» (Kitáb al-hadâ'iq)*, in *Al-Andalus*, v, 1940. *Huellas del Islám. Santo Tomás de Aquino. Turmeda. Pascal. San Juan de la Cru*, Madrid, 1941. *La Escatologia musulmana de la Divina Comedia, seguida de la historia y crítica de una polémica*, Madrid, 1943 (2.^a ed.). *Glosario de voces romances registradas por un botánico anónimo hispanomusulmán (siglos xi-xn)*, 1943. *Enmiendas a las etimologías árabes del «Diccionario de la Lenguas de la Real Academia Española*, in *Al-Andalus*, ix, 1944. *Sádilies y alumbrados*, in *Al-Andalus*, ix, 1944, a xvi, 1944- Actualmente começou-se a publicação das obras completas do Mestre.

Historiador das idéias, na frase do Sr. Henri Terrasse, foi, sobretudo, a história do misticismo islâmico e a sua influencia ou a sua penetração no misticismo cristão da Espanha que D. Miguel procurou aprofundar, esquematizar e compreender. Avempace, Algazel, Averróis, Ibn Arabi, Ibn Tumlus, Ibn Házam de Córdoba, Ibn Abbad de Ronda, Ibn Maçarra são traduzidos e comentados ; as suas biografias são organizadas. Através da investigação realizada, chega-se a desenhar a curva ascendente do *tasawwuf* ou *sufismo* muçulmano, forma herética, que as influências cristãs do Oriente, as idéias indianas e o neo-platonismo alexandrino haviam de imprimir à secura do Islão primitivo, tão aferrado a essa idéia semítica do Criador inacessível à Criação. Incorporado na ortodoxia islâmica depois de uma época de perseguição, o sufismo alcançava os quatro cantos do mundo árabe; Ibn Maçarra introduziu-o em Espanha ; no Algarve almóada, o teócrata Ibn Caci criava a escola neo-sufista dos *Muridine* ; em Marrocos, a actividade das confrarias e das azoias xadilitas, especialmente na forma doutrinal de Al-Jazuli, conduziria, pelo morabismo, à unidade política da segunda metade do século xvi. Asin Palacios rodeia-se de documentos e procura descobrir e esclarecer os caminhos incertos que lhe permitiriam encontrar as superfícies de contacto da

via mística do Islão, de tal modo pura e sublimada em homens da estatura de um Algazel, o *vivificador* da teologia, de um Abu Madiane, o *polo (qutb)*, universalmente reconhecido e amado, ou de um Ibn Alarife, com o forte deslumbramento do misticismo carmelitano espanhol. Eis o trabalho a que D. Miguel consagra os derradeiros tempos da sua vida operosa. Esse fragmento, que constituía aproximadamente um terço da obra em preparação, e que o mestre considerava, no dizer de García Gómez, «capital y coronación de sus (...) estudios sobre mística musulmana», começou-o a publicar em 1944, como ficou dito, a revista *Al-Andalus*, que ele fundara»e enriquecera.

Assim, quando se completar o texto que o autor ainda pôde redigir, ficarão apenas por publicar certas notas não elaboradas, nas quais se fazia principalmente o confronto da doutrina muçulmana com os textos cristãos.

JOAQUIM FIGANIER

Marc Bloch

Mais do que qualquer outro historiador contemporâneo, Marc Bloch parecia destinado a exercer uma acção fecundíssima na nossa formação de aprendizes de história.

De facto, esse Judeu que considerava que o Cristianismo alargara a generosa tradição dos profetas hebreus; esse Francês que se sentia vinculado à herança espiritual e à história da sua pátria, e que por isso se julgava incapaz de conceber outra onde pudesse respirar à vontade ; esse Homem que soube proclamar que considerava a condescendência com a mentira, sob qualquer pretexto, como a pior lepra da alma (*); é, sem dúvida, uma das mais extraordinárias vocações de historiador de todos os tempos.

Assassinado no dia 16 de Junho de 1944 por um inimigo implacável, que não soube respeitar a sua situação de prisioneiro, Marc

(9 Do testamento espiritual de Marc Bloch, escrito a 18 de Março de 1941, e publicado nos *Annales d'Histoire Sociale*, 1945 (Hommages à Marc Bloch).